**Manchete:** A hora da paz e do não-alinhamento

Por Roger McKenzie e Vijay Prashad

**Biografias dos autores:** *Este artigo foi produzido por* [*Morning Star*](https://morningstaronline.co.uk/) *e* [*Globetrotter*](https://globetrotter.media/) *e traduzido por Pedro Marin para a* [*Revista Opera*](https://revistaopera.com.br/)*.*

**Roger McKenzie** é repórter no [Morning Star](https://morningstaronline.co.uk/author/roger-mckenzie) e secretário-geral da [Liberation](https://liberationorg.co.uk/about-us/), uma das mais antigas organizações de direitos humanos do Reino Unido.

**Vijay Prashad** é um historiador, editor e jornalista indiano. Ele é um dos escritores parceiros e correspondente-chefe do Globetrotter, editor-chefe do [LeftWord Books](https://mayday.leftword.com/) e diretor do [Instituto Tricontinental de Pesquisa Social](https://thetricontinental.org/pt-pt/). Também é um parceiro não-residente do [Instituto para Estudos Financeiros Chongyang](https://tinyurl.com/y2hdjcpo), da Universidade Renmin da China. Autor de mais de 20 livros, incluindo [*The Darker Nations*](https://smile.amazon.com/Darker-Nations-Peoples-History-Third/dp/1595583424/?tag=alternorg08-20) e [*The Poorer Nations*](https://smile.amazon.com/Poorer-Nations-Possible-History-Global/dp/1781681589/?tag=alternorg08-20), seu último livro é o [*Balas de Washington*](https://mayday.leftword.com/catalog/product/view/id/21820), com introdução de Evo Morales Ayma.

**Fonte:** Globetrotter

**Rótulos:** Guerra, História, Política, Direitos humanos, Ativismo, Saúde, Benefícios sociais, Alimentação, Economia, Justiça social, Mídia, Ciência, Tecnologia, Mudança climática, Meio ambiente, Ásia/Japão, Europa/Alemanha, América do Norte/Estados Unidos, Europa/Reino Unido, Europa/Ucrânia, Europa/Rússia, Oriente Médio/Iêmen, Ásia/Indonésia, Ásia/China, América do Sul/Peru, América Central/Honduras, África/Marrocos, África/Somália, Ásia/Índia, África/África do Sul, Ásia/Paquistão, Ásia/Sri Lanka, Europa, Ásia, África, Oriente Médio, América do Sul, América Central, América do Norte, Opinião, Curto prazo

**[Corpo do artigo:]**

A guerra é uma das partes feias da experiência humana. Tudo nela é medonho. Ela é o ato mais óbvio de invasão e brutalidade, aspectos que sempre acompanham suas operações. Nenhuma guerra é precisa; toda guerra atinge civis. Cada ato de bombardeio provoca um estremecimento neurológico na sociedade.

A Segunda Guerra Mundial deu mostra desse horror no Holocausto e no bombardeio atômico de Hiroshima e Nagasaki. A partir do Holocausto e de Hiroshima, cresceram dois poderosos movimentos, um pela paz e contra os perigos de mais ataques nucleares, e outro pelo fim da divisão da humanidade e pelo não-alinhamento a essa divisão. O Apelo de Estocolmo de 1950, assinado por 300 milhões de pessoas, demandou um banimento absoluto das armas nucleares. Cinco anos depois, 29 países da África e da Ásia, representando 54% da população mundial, se reuniram em Bandung, na Indonésia, para assinar um documento de dez pontos contra a guerra e pela “promoção dos interesses mútuos e a cooperação”. O espectro de Bandung se orientava à paz e ao não-alinhamento, para que os povos do mundo centrassem seus esforços em construir um processo de erradicação dos seus fardos históricos (analfabetismo, doença, fome) fazendo uso de sua riqueza social. Por que gastar dinheiro em armas nucleares quando o dinheiro deveria ser gasto em salas de aula e hospitais?

Apesar dos grandes ganhos de muitas das novas nações que haviam emergido do colonialismo, a força esmagadora dos antigos poderes coloniais impediram que o espírito de Bandung definisse a história humana. Ao invés disso, a civilização da guerra prevaleceu. Essa civilização da guerra é revelada no maciço gasto de riquezas humanas na produção de forças armadas – suficiente para destruir centenas de planetas – e no uso dessas forças armadas como uma primeira opção para resolver disputas. Desde os anos 1950, o campo de batalha dessas ambições não foi a Europa ou a América do Norte, mas a África, a Ásia e a América Latina – áreas do mundo onde a vida humana é menos importante para as retrógradas sensibilidades coloniais. Essa divisão internacional da humanidade – que predica que a guerra no Iêmen é normal, ao passo que a guerra na Ucrânia é terrível – é definidora de nossos tempos. Há 40 guerras ocorrendo em todo o mundo; é necessário vontade política para pôr fim a cada uma delas, não somente àquelas acontecendo na Europa. A bandeira ucraniana é onipresente no Ocidente; quais são as cores da bandeira iemenita, da bandeira saharaui e da bandeira somali?

**Retornar à paz, retornar ao não-alinhamento**

Somos soterrados nesses dias com certezas que parecem cada vez mais irreais. À medida que a guerra da Rússia na Ucrânia continua, é fortalecida a desconcertante visão de que negociações são fúteis. Essa visão circula até mesmo entre pessoas de mentalidade razoável, que concordam que todas as guerras devem acabar por meio de negociações. Se esse é o caso, por que não fazer um chamado por um cessar-fogo imediato, e construir a confiança necessária para avançar negociações? Negociações só são viáveis se houver respeito de todas as partes, e se houver uma tentativa de entendimento do fato de que todos os lados em um conflito militar têm demandas razoáveis. Ou seja, pintar essa guerra como um capricho do presidente russo Vladimir Putin é parte do exercício da guerra permanente. Garantias de segurança à Ucrânia são necessárias, mas também são necessárias à Rússia, o que incluiria um retorno a um regime internacional de controle de armas sério.

A paz não virá somente porque a desejamos. Ela requer uma luta nas trincheiras das ideias e das instituições. As forças políticas no poder lucram com a guerra, por isso trajam seu chauvinismo para melhor representar os negociantes de armas que querem mais guerra, não menos. A essas pessoas, em seus burocráticos ternos azuis, não devemos confiar o futuro do mundo. Elas falham conosco no que se refere à catástrofe climática; falham conosco quando se trata da pandemia; elas falharão conosco no que tange à construção da paz. Precisamos reavivar os velhos espectros da paz e do não-alinhamento para colocá-los em voga nos movimentos de massa, que são a única esperança desse planeta.

Não é um passo meramente sentimental voltar ao passado para dar vida ao Movimento dos Não-Alinhados de hoje. As contradições do presente já levantaram o espectro do não-alinhamento em partes da África, Ásia e América Latina. A maioria desses países votou contra a condenação da Rússia não porque apoiem a guerra da Rússia na Ucrânia, mas porque reconhecem que a polarização é um erro fatal. O que necessitamos é uma alternativa aos dois campos mundiais da Guerra Fria. Esta é a razão pela qual os líderes de muitos desses países – do presidente chinês Xi Jinping ao primeiro-ministro indiano Narendra Modi, passando pelo presidente sul-africano Cyril Ramaphosa – fizeram um apelo, apesar de suas orientações políticas bastante divergentes, por uma superação da “mentalidade da Guerra Fria”. Eles já estão dando passos em direção a uma plataforma não-alinhada. É esse movimento da história que nos provoca a refletir sobre um retorno aos conceitos do não-alinhamento e da paz.

Ninguém quer imaginar as implicações totais de um cerco à China e à Rússia pelos Estados Unidos e seus aliados. Até países que são aliados próximos dos Estados Unidos – como a Alemanha e o Japão – reconhecem que se uma nova cortina de ferro for posta ao redor da China e da Rússia, ela seria fatal para seus próprios países. A guerra e as sanções já criaram sérias crises políticas em Honduras, Paquistão, Peru, Sri Lanka, com a expectativa de mais crises à medida que os preços dos alimentos e combustíveis cresçam astronomicamente. A guerra é muito cara para as nações pobres. Os gastos da guerra estão comendo o espírito humano, e a própria guerra tem aumentado o sentimento de desespero dos povos.

Os guerristas são idealistas. As guerras deles não resolvem os maiores dilemas da humanidade. As ideias de não-alinhamento e paz, por outro lado, são realistas; elas oferecem respostas às crianças que querem comer e aprender, brincar e sonhar.